

Experiências do ser e do habitar as cidades contemporâneas: transversalidades, pluralidades e desafios

Experiences of being and living in contemporary cities: transversality, plurality and challenges

Márcia Bessa

Doutora em Memória Social (PPGMS/UNIRIO), com passagem pelo DCMS/University of Chicago, sob a orientação de Tom Gunning; Mestre em Ciência da Arte e Graduada em Comunicação Social - Habilitação Cinema e Vídeo (ambos pela UFF). É pós-doutoranda CIEC/ECO/UFRJ e docente da Escola de Cinema Darcy Ribeiro (ECCR/IBA).

RHEINGANTZ, Paulo Afonso; PEDRO, Rosa Maria Leite Ribeiro & SZAPIRO, Ana Maria (orgs.). Qualidade do lugar e cultura contemporânea: modos de ser e habitar as cidades. Porto Alegre: Sulina (Coleção Espaço e Urbanidade), 2016. 398 p.

Submetido em: 10/08/2017

Aceito em: 10/09/2017

RESENHA

RESUMO

Na resenha do livro *Qualidade do lugar e cultura contemporânea: modos de ser e habitar as cidades*, organizado por Paulo Rheingantz, Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro e Ana Maria Szapiro, o leitor adentra um território comum de investigação onde convergem diferentes disciplinas e propostas em prol da reflexão, diálogo e ação acerca das maneiras de existir e morar citadinas. A atualidade dos objetos e recortes de investigação contribuem para diversos debates que perpassam nossa rotina como seres e habitantes dos grandes centros urbanos contemporâneos, instigando ainda discussões outras que potencializam o pensamento e a ação polifônicos, divergentes e heterogêneos.

Cidades; Cidades; centros urbanos; contemporaneidade

ABSTRACT

In the review of the book *Qualidade do lugar e cultura contemporânea: modos de ser e habitar as cidades*, organized by Paulo Rheingantz, Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro and Ana Maria Szapiro, the reader enters a common territory of investigation where different disciplines and proposals converge in favor of the reflection, dialogue and action on the ways of existing and living in cities. The actuality of the objects and research cuts contribute to several debates that perpass our routine as beings and inhabitants of the great contemporary urban centers, instigating other discussions which may potentiate polyphonic, divergent and heterogeneous thinking and actions.

KEYWORDS: Cities; urban centers; contemporaneity

DOI: [HTTP://DX.DOI.ORG/10.29146/ECO-POS.V20I3.14480](http://dx.doi.org/10.29146/ECO-POS.V20I3.14480)

EXPERIÊNCIAS DO SER E DO HABITAR AS CIDADES CONTEMPORÂNEAS: TRANSVERSALIDADES, PLURALIDADES E DESAFIOS | MÁRCIA BESSA

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA DA ESCOLA DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO | www.posecoufrj.br

A cidade diversa, as diversas cidades. Distintas cidades dentro da mesma cidade. Múltiplas experiências *das* e *nas* cidades. Aqui o leitor acompanha a valorização da coexistência irrefutável entre encontros e desencontros, entre seres humanos e sujeitos não humanos, que geram repercussões sociais, estéticas, éticas, políticas e subjetivas. Tratados diversos sobre como estamos compreendendo e aceitando toda essa pluralidade de realidades da urbanidade em que vivemos. Talvez uma das coisas mais importantes que o livro nos traz seja exatamente esse ambiente sadio e profícuo que dá lugar à diversidade de falas, à heterogeneidade existencial, ao questionamento de certas verdades e/ou unanimidades. Ambiência tão rara em nosso polarizado e ilhado tempo presente. E, como bem sinaliza Isabelle Stengers (2015, p. 139), “[...] É a situação que ganha, através dos saberes divergentes que ela suscita, o poder de fazer pensar, de fazer hesitar juntos aqueles e aquelas que ela reúne”.

Qualidade do lugar e cultura contemporânea: modos de ser e habitar as cidades possui dezessete capítulos produzidos por pesquisadores de distintas áreas do conhecimento, além de uma breve apresentação e uma seção final destinada a minibiografias dos autores. Organizada por Paulo Rheingantz, Rosa Pedro e Ana Szapiro essa compilação celebra a cooperação entre a Arquitetura e Urbanismo, a Psicologia, a Psicanálise, a Filosofia, a História, a Linguística e a Arte: todos tematizando a cidade atual. São experiências, olhares e perspectivas diversas do ser e do habitar o espaço urbano. Viabilizada por parcerias entre grupos de pesquisa e programas de pós-graduação das áreas de Arquitetura e Urbanismo e Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – que têm aqui um vigoroso veículo para difundir seu estudos e trabalhos – e organismos de fomento à pesquisa públicos (CNPq, Capes e Faperj), a publicação propõe um território comum de investigação onde convergem diferentes disciplinas em prol do pensamento, diálogo e ação acerca das maneiras de existir e morar na cidade contemporânea, reverenciando a diversidade de propostas indispensável à construção de todo conhecimento.

Qualidade do lugar e cultura contemporânea: modos de ser e habitar as cidades pode ser (re) dividido em cinco unidades maiores, que organizam seus dezessete capítulos em blocos mais ou menos articulados entre si. No primeiro grupo tópico, reunimos os quatro artigos iniciais do livro num perfil analítico sobre o *phatos* — *sofrimento*, vindo de *paixão* (*phatos*) — da cidade. *Política da cidade*, ensaio de Dany-Robert Dufour, funciona como um excelente prólogo para a publicação como um todo, introduzindo as bases políticas sobre as quais fundamentaram-se as primeiras cidades democráticas ocidentais. O filósofo francês revela que a primeira república da história, Atenas (Grécia), nasceu de

um embate bem-sucedido contra uma tendência profunda da *alma humana*: querer mais do que a sua parte, ou seja, “a pleonexia” (2016, p. 16). Guiado por Mandeville (1705), Dufour pôde localizar na pleonexia também o cerne do capitalismo e do liberalismo econômico. Como consequência, a cidade contemporânea desigual e mercantil vem sendo obrigada a aprender a conviver com riscos de guerras internas e externas, de retorno da barbárie, de danos psicopatológicos irreversíveis e de ameaças cataclísmicas. O poético *Silêncio e tempestade no Rio de Janeiro. Insolências da arte à cidade*, de Luis Antonio Baptista, mostra uma corajosa e emocional relação entre Auschwitz e Rio de Janeiro. Segundo o autor, ambos sofrem um processo neutralizador de seus passados em benefício da conversão da cidade em mercadoria. Tudo em prol da assepsia, coloração, luminosidade, felicidade, conforto, tranquilidade e eternidade: da cidade espetáculo. O embelezamento de áreas e equipamentos citadinos tentam vender uma “[...] urbe banida dos seus paradoxos” (2016, p. 43). Tal como o fazedor, de Borges (2000), Baptista nos conta uma história de multiplicidades e singularidades traçando uma ponte entre o Campo de Concentração de Auschwitz e a Zona Portuária Carioca donde vemos tanto o pesar e a melancolia quanto a coragem e a esperança. E das entranhas desses e de outros apagamentos da memória, as intervenções insolentes da arte surgem como ferramentas que podem desencavar as contradições da cidade a que tanto se tenta sepultar. Ana Szapiro amplia e enriquece as abordagens dos estudos citadinos com *O phatos na cidade*, propondo uma original reflexão sobre o que entendemos como patológico na cidade contemporânea. Diferentemente da modernidade, a professora nos diz que cidade dos nossos tempos nos impele à conjuntura subjetiva da vida saudável, sem limites e racional. Daí um novo sujeito emerge, aquele que pretende superar as falhas e carências inerentes à condição humana através dos avanços da ciência e da tecnologia. No arriscado e forte texto de *Arquiteturas do abandono: agenciamentos entre psicanálise e cidade na contemporaneidade*, Eduardo Rocha busca relacionar a teoria psicanalítica sobre a síndrome do abandono (Germaine Guex, 1950) com as sensações suscitadas na cidade e em sua população pelos aparelhos arquitetônicos urbanos largados ao descaso, contribuindo para uma análise inovadora muito além das afeições estéticas e atitudes patrimonialistas. Segundo o arquiteto, ao sermos afetados por arquiteturas abandonadas somos tomados por desejos de manutenção, amor e segurança. Aqueles sujeitos não-humanos são portadores de formas de contágio poderosas, que podem tanto contaminar estruturas vizinhas como a nós mesmos. Há potências distintas atuando num objeto, num edifício, numa cidade abandonados. Há ameaça, mas também permissividade.

Com o quinto capítulo iniciamos nossa segunda unidade de *Qualidade do lugar e cultura contemporânea: modos de ser e habitar as cidades*, que nos traz os quatro artigos seguintes agrupados no viés da experiência coletiva na cidade. O esclarecedor texto de Paulo Afonso Rheingantz, *Lugares em ação, laboratórios de urbanidade*, investiga as interfaces dos conceitos de lugar e urbanidade. As experiências da Arena do Morro (Natal/RN) e do Museu do Amanhã (Rio de Janeiro/RJ) são analisadas como concepções distintas de *lugares em ação*. Para o pesquisador, esses dois *laboratórios de urbanidade* são híbridos, localizados, subjetivos e singulares e operam para além da heterogeneidade da rede de humanos e não-humanos que os compõem e do que está circunscrito aos projetos. Já os lugares, propriamente ditos, “são mais do que isso, são modos de ser e habitar a cidade” (2016, p. 112). Uma discussão pouco vista em teoria social, que olha a cidade como parte de uma sociedade complexa — repleta de simultaneidades, velocidades aceleradas, instantaneidades, multi-informações e conectividade —, é trazida por Vinicius Netto em *Cidade e entropia social*. Como bem diz o autor, o tratamento dado ao texto “busca mostrar o lugar da cidade na vida social de forma intrínseca, incluindo a riqueza da heterogeneidade do espaço urbano como parte inerente da realização e da interdependência das nossas ações” (2016, p. 117). Segundo Netto, o ambiente citadino, como mediador da vida em sociedade, integrando a escolha e transformação de possibilidades individuais em efetivas práticas coletivas, pode reduzir a complexidade e a entropia de nosso mundo social. O ensaio confere um tratamento original à cidade como parte informacional da organização social — que liga eventos diversos — e da estruturação da vida em sociedade. Pensando a influência das novas tecnologias da comunicação no corpo social contemporâneo, *A cidade, o celular e a célula*, de Marília Amorim, investiga a atualidade dos dispositivos eletrônico-digitais que transpassam a cidade e as relações interpessoais: em especial o telefone celular. A partir daí a professora tece algumas inventivas reflexões sobre as relações de poder e saber no âmbito coletivo, na medida em que a utilização individual do celular interfere numa situação grupal e como isso se reflete no exercício da liberdade. Em *No avesso dos cartazes, a cidade perversa*, Robert Pechman procura explicar a força das manifestações populares de junho de 2013 através do entendimento do papel assumido pela cidade nas posturas individuais na contemporaneidade. O historiador nos mostra que algo novo ali se instaura e recupera um dos atributos essenciais da cidade: o compartilhamento de valores vindos da experiência coletiva. Seu fascínio e destreza ao analisar os cartazes empunhados pelos manifestantes nos remetem a uma cidade há muito esquecida; são símbolos contra a interiorização do social, as formas de individuação e o homem essencialmente psicológico.

A terceira parte desta coletânea multidisciplinar contempla os três capítulos posteriores e repercute discussões sobre a liberdade e cuidado na cidade contemporânea. Os psicólogos Rosa Pedro e Rafael Castro problematizam o crescente uso dos métodos de monitoramento e vigilância tecnológica como uma resposta naturalizada aos distúrbios de violência e segurança públicas. O fato dessas câmeras de vigilância serem apresentadas como soluções prontas para problemas tão complexos, as relações íntimas que elas estabelecem com a realização de grandes eventos citadinos e as consequências de sua proliferação no dia a dia da cidade são questões levantadas no artigo de fôlego, *Videovigilância e megaeventos: a rotinização da excepcionalidade nas práticas de segurança pública no Rio de Janeiro* – ensejando certamente profícuos aportes futuros. O militante e bravo texto de Marília Silveira e Marcia Moraes, *A cidade, uma viagem: saúde mental e cuidado em liberdade*, trata de um movimento em direção à resistência antimanicomial e à defesa de “uma proposta de cuidado em liberdade” (2016, p. 213) e no espaço público compartilhado — através do estabelecimento de uma rede de apoio institucional — para a saúde mental brasileira. Com Ana Szapiro, Amanda Salvador, Lara Oliveira e Micaela Diniz chegamos ao capítulo *O cuidado na cidade saudável*. Originado em outro trabalho, o ensaio traz um tom inspirador de acolhimento e reflete sobre a maneira como indivíduos portadores de doenças crônicas (sem cura até o momento) são tratados pela cidade contemporânea. Sendo um problema de saúde pública, torna-se necessário cuidado e proteção diferenciados nessas formas de adoecimento. E esse desafio é lançado não somente para os profissionais de saúde e poder público como para a rotina da cidade e seus habitantes. Usando croquis como uma opção metodológica de observação, *Perambulando pelo centro histórico de Lisboa: urbanidade, o flâneur e as qualidades visuais da cidade*, de Vicente Del Rio, nos brinda com uma “breve discussão sobre o significado de urbanidade e de *flâneur*, fundamentais para se pensar, analisar e projetar a cidade” (2016, p. 249). O texto e as ilustrações do arquiteto trazem o ar leve e descontraído de suas viagens, sugerindo ainda que a *flanagem* e a vivência urbana sejam consideradas como inspiração para o processo do planejamento arquitetônico.

Nessa quarta sessão de nossa análise sobre *Qualidade do lugar e cultura contemporânea: modos de ser e habitar as cidades*, o carro-chefe é a renovação urbana. Em *O Centro do Rio de Janeiro, suas mutações e multiplicidades: uma reflexão enviesada sobre a cidade contemporânea*, Denise de Alcântara apresenta o Porto Maravilha como contraponto ao integrado e participativo projeto do Corredor Cultural. Trazendo em si um tom de advertência muito bem-vindo, o ensaio da professora trabalha numa

linha filosófica-fenomenológica incorporada à análise das arquiteturas introduzidas na região central carioca, “problematizando as relações entre o tecido urbano, os objetos sóciotécnicos e os atores que a configuram e que a tornam um sistema múltiplo, diversificado, plural, complexo e dinâmico” (2016, p. 271). O capítulo *Porto Maravilha em ação: uma perspectiva sociotécnica do lugar*, de arquiteta Fabíola Angotti, investiga achados, dúvidas e polêmicas sobre a reestruturação da Zona Portuária do Rio de Janeiro. A escolha de autores da área de Arquitetura e Urbanismo que se distanciam de uma abordagem quantitativo-funcional do espaço edificado e a aproximação com a Teoria Ator-Rede (Latour, 2001; 2004; 2012) oferecem subsídios consistentes para a revisão dos usos e entendimentos do conceito de lugar na contemporaneidade: como espaço produzido, heterogêneo, dinâmico e híbrido. Escrito por Ramon Carvalho, *Quem foi um milionário? Embate, remoções, indecisões e indenizações na Vila Autódromo do Rio de Janeiro* denuncia, de modo oportuno, os interesses escusos no desmonte da comunidade carente de Jacarepaguá supostamente em prol do projeto Rio Cidade Olímpica. A velha prática de assepsia urbana é atualizada não somente para contemplar megaeventos, mas sobretudo para escamotear problemas sociais e lotear a cidade para a exploração da iniciativa privada. Antes retirados à força física, agora os moradores são removidos pela força do dinheiro, um processo de exclusão social que dá origem ao que o arquiteto denomina “novos milionários” (2016, p. 321).

A quinta e última unidade estrutural do livro organizado por Paulo Rheingantz, Rosa Pedro e Ana Szapiro contém apenas dois capítulos, cuja temática adentra a zona educacional. *Do espaço escolar ao território educativo: um olhar ampliado sobre o lugar pedagógico da educação integral*, escrito por Giselle Azevedo, Vera Tângari e Ana Beatriz Faria, defende um projeto educativo inovador que reconhece o espaço público e os equipamentos urbanos exteriores aos muros escolares como extensões do território do aprendizado. Assim, a escola pode irradiar conhecimento para a rua, o bairro, a cidade. O integral dessa educação refere-se não somente às atividades e ao tempo vividos dentro da escola, mas à integração “com outras instâncias educativas e também com a dinâmica da cidade” (2016, p. 345). Nesse intuito, o estabelecimento de uma rede colaborativa entre instituições pedagógicas e a garantia de uma segurança pública efetiva são os grandes obstáculos a serem suplantados. O artigo produzido por Nirce Medvedovski e Hélen Kerkhoff, *Diagnóstico Rápido Urbano Participativo (DRUP): uma ferramenta para processos participativos em habitação de interesse social*, expõe a experiência metodológica com o DRUP no Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (RS). O trabalho ressalta

a fundamental (e nem sempre praticada) integração das atividades de ensino, pesquisa e extensão e a contribuição da extensão universitária para a vida social — sobretudo de parcelas menos favorecidas da população — e os frutos desse processo gerados para a comunidade e o espaço urbano.

Assim como na Teoria Ator-Rede (TAR) — notadamente na noção de rede sociotécnica (Latour, 2001; 2004; 2012) —, em *Qualidade do lugar e cultura contemporânea: modos de ser e habitar as cidades* são privilegiadas as associações entre traduções, as cinesias entre humanos e não-humanos e os contrapontos entre sociedade, ator e rede. Muito bem aplicada na exploração dos novos paradigmas das tecnociências, da coletividade e da comunicação na contemporaneidade, a sociotécnica é o método predominante nesta rede. Todos os autores aceitam destemidamente os desafios de tentar apreender a vida cidadina hoje, bem como seus efeitos sobre a experiência coletiva em um planejamento que favorece as práticas conjuntas e multidisciplinares. A atualidade dos objetos e recortes de investigação contribuem para diversos debates que perpassam nossa rotina como seres e habitantes dos grandes centros urbanos contemporâneos, instigando ainda discussões outras que podem potencializar o pensamento e a ação polifônicos, divergentes e heterogêneos.

Referências bibliográficas

BORGES, Jorge Luis. *Esse ofício do verso*. Trad. José Marcos Macedo. SP: Cia das Letras, 2000.

GUÉX, Germaine. *A síndrome do abandono*. RJ: Record, 1973.

LATOUR, Bruno. *A esperança de Pandora*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

_____. *Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

_____. *Reagregando o social*. Uma introdução à Teoria Ator-Rede. Salvador, BA: EDUFBA, 2012; Bauru, SP: EDUSC, 2012.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso; PEDRO, Rosa Maria Leite Ribeiro & SZAPIRO, Ana Maria (orgs.). *Qualidade do lugar e cultura contemporânea: modos de ser e habitar as cidades*. Porto Alegre, RS: Sulina, 2016.

STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes – resistir à barbárie que se aproxima*. SP: Cosac Naif, 2015.